

A beleza de se dedicar ao cuidado sem estereótipos de gênero

TRADUÇÃO ANA CAROLINA ROMERO

**Ilaria
Gaspari**

CADERNO DE LEITURAS N.135

A beleza de se dedicar ao cuidado sem estereótipos de gênero

CADERNO DE LEITURAS N.135

**Ilaria
Gaspari**

TRADUÇÃO
**ANA CAROLINA
ROMERO**

Nota dos editores

Este artigo foi originalmente publicado no jornal italiano *Le Domani*, em agosto de 2021. Agradecemos a Ilaria Gaspari a autorização para esta publicação.

Algumas das coisas que sei sobre o cuidado foram aprendidas com uma canção difícil de esquecer, quando você a assimila: “O cuidado” [La Cura], de Franco Battiato, melodia hipnótica sobre um texto escrito com Manlio Sgalambro – *aliviarei as tuas dores e as tuas oscilações / as tuas obsessões e as tuas manias / vou atravessar as correntes gravitacionais / espaço e luz para que você não envelheça / e você vai se curar de todas as doenças.*

Emilio

Outras coisas que sei sobre o cuidado as aprendi, ao contrário, sem a necessidade das palavras, as aprendi com alguém que realmente não fala, a não ser por meio de latidos e uivos bastante expressivos – meu cachorro, Emilio. Emilio vem de um canil, e, no dia em que o trouxemos para casa conosco, somente após termos preenchido uma infinidade de papéis por meio dos quais nos comprometíamos, ao adotá-lo, a precisamente cuidar dele por toda a sua vida, ele em poucos minutos subverteu o significado das palavras dos que me haviam aconselhado a não ter um cachorro porque era um grande compromisso. Havia me deixado assustar pela ideia de uma vida que, em muitos aspectos, passaria a depender da minha; na verdade, nesse dia percebi que o comprometimento – o cuidado – era exatamente aquilo de que precisávamos nós três: o cachorro, meu companheiro e eu.

Emilio, a quem as grades de uma “cela-jaula” haviam sido abertas havia menos de uma hora, jaula que o havia deixado em um estado de torpor permanente, recusando-se a comer e até mesmo a latir, mal chegou em casa e já correu para a janela no fim do corredor, para verificar as possíveis rotas de fuga, suponho. Depois, aproximou-se de mim e pressionou a cabeça loira contra a minha perna (ele é loiro, bonito e pequeno, uma espécie de Paul Newman canino); naquele instante percebi que já não vivenciava com ansiedade o compromisso de me dedicar a um cachorro com síndrome de abandono. Na verdade, entendi que eu desejava precisamente aquilo que cogitei temer: eu queria dedicar meu tempo e minhas energias a ele. Entendi que desejava protegê-lo de seus medos, inclusive daqueles que ainda me eram desconhecidos; e que, mesmo na ausência de uma hipocondria canina, dado que não acredito na hipótese de que existam cães hipocondríacos, ao cuidar dele eu estaria cuidando também dos meus próprios delírios e obsessões.

Uma perfeição ampliada

É claro, existe também uma tensão dolorosa, uma forma de angústia subjacente ao ato do cuidado. Em latim, cuidado significa preocupação. Cuidar de alguém significa preocupar-se com o seu bem-estar; mas preocupar-se em que sentido? Talvez simplesmente no sentido de interessar-se. De ocupar-se, no presente, de um momento que é o aqui e agora: o momento em que vemos o outro que está à nossa frente e sentimos que podemos ser nós a mão que alivia, a voz que tranquiliza. Que podemos estar presentes diante de quem da nossa presença necessita. É precisamente essa tensão, portanto, o que nos cura, o que nos dá conforto, ao menos um pouco, no ato de cuidar de alguém ou de alguma coisa – pessoa, planta, animal, objeto inanimado, planeta; de nós mesmos, também. Que nos cura, ou seja, um curto-circuito capaz de romper o narcisismo da compaixão como

pura projeção do ego. Quando, por exemplo, temos por alguém uma compaixão apenas teórica: quando o cuidado está ausente, aquela compaixão é um exercício de narcisismo – claro, pode ser uma forma de conhecimento, um filtro por meio do qual ver sob uma nova perspectiva nós mesmos e aquele alguém cuja dor intuímos; mas, se dela não se passa ao cuidado, a compaixão se torna apenas um virtuosismo vazio.

Por sua vez, quando amamos, retomando a definição talvez mais bela e completa já formulada sobre o amor por um filósofo, ou seja, aquela que Espinosa oferece na *Ética*, dá-se que na presença de alguém que inspira o nosso amor vivemos uma forma de alegria (*Laetitia*); que, traduzida do léxico espinosista, significa a passagem a uma perfeição ampliada. Passar de uma perfeição menor a uma maior significa existir com mais intensidade, porque mais ativos, mais responsáveis, mais capazes de compreender as razões do que acontece neste labirinto de causas e efeitos que inervam o mundo em que vivemos. Quando amamos dessa forma, o cuidado consiste no fato de ampliar a nossa alegria de viver. O cuidado com quem amamos, e com nós mesmos, reside precisamente no progresso da plenitude do ser, em nos responsabilizarmos pela vida e não apenas suportá-la. Aliviando nós mesmos, e o objeto de nosso amor, das superstições, das obsessões, dos delírios; das paixões tristes, diria sempre Espinosa, que se curam precisamente com a alegria da compreensão – em uma palavra, com a filosofia.

A filosofia que cuida

Por outro lado, até mesmo as palavras com as quais representamos o mundo podem ser uma forma de cuidado, uma forma de amor. Um filósofo que precede Espinosa em muitos séculos, e que se assemelha a ele na dedicação tenaz e anticonformista com a qual se dedica a libertar

a humanidade da sujeição a seus medos, Epicuro – que chega a considerar inútil qualquer discurso filosófico que não cure algum mal da alma humana – imagina até mesmo uma sobreposição, na arte do cuidado, entre filosofia e medicina. Tanto é assim que nomeia como *tetrafármaco* o raciocínio em quatro partes que ele elabora para dissolver, de modo lógico, nossos medos mais obstinados e assustadores, aqueles em cujo encanto maligno corremos o risco de cair.

A tradição da filosofia como cuidado, como cura para os males da alma é antiga, e gloriosa. Não raramente se encarnou em um *tópos* que teve bastante êxito, a partir de um texto que será importante para Dante, o *De consolatione philosophiae* de Boécio (séc. VI d.C.), no qual uma mulher misericordiosa, que nada mais é que a personificação da própria filosofia, socorre o triste autor encarcerado: o *tópos* da feminilização da filosofia-consoladora, da filosofia que cuida com gestos maternos e que, transformada em mulher, alivia e cuida das feridas. Hoje – especialmente à luz do que a pandemia revelou com uma certa brutalidade, isto é, que, para além das prosopopeias filosóficas da latimidade tardia, permanece ainda o preconceito de que o cuidado é uma prerrogativa inteiramente feminina e materna, e um número assustadoramente alto de mulheres teve de abrir mão do trabalho fora de casa para se ocupar das tarefas domésticas – os tempos parecem finalmente maduros para que repensemos o cuidado como uma responsabilidade coletiva, para dividirmos esse peso abandonando os estereótipos de gênero, e desfrutarmos, finalmente, do cuidado como um privilégio acessível a todos.

CADERNO DE LEITURAS N.135

La bellezza di dedicarsi alla cura senza più stereotipi di genere
A beleza de se dedicar ao cuidado sem estereótipos de gênero
Ilaria Gaspari

EDIÇÃO

Luísa Rabello
Pedro Fonseca

TRADUÇÃO

Ana Carolina Romero

REVISÃO

Andrea Stahel

PROJETO GRÁFICO

Luísa Rabello

COORDENAÇÃO DA COLEÇÃO

Luísa Rabello
Maria Carolina Fenati

Composto em Neue Haas e DM Serif

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, outubro de 2021

Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



Incentivo



CULTURA



Projeto 1094/2020